

As práticas de risco à saúde das mulheres profissionais do sexo

The health risk practices of women sex workers

Las prácticas de riesgo para la salud de las trabajadora sexuales

Recebido: 00/10/2020 | Revisado: 00/10/2020 | Aceito: 31/10/2020 | Publicado: 03/11/2020

Alana Priscilla da Silva Viana

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4591-786X>

Hospital Municipal Dr. Ernesto Che Guevara, Brasil

E-mail: alanapriscilla28@yahoo.com.br

Diego Pereira Rodrigues

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8383-7663>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: diego.pereria.rodrigues@gmail.com

Valdecyr Herdy Alves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8671-5063>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: herdyalves@yahoo.com.br

Edvane Mauricio da Silva Rodrigues

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2826-1996>

Centro Universitário Plínio Leite, Brasil

E-mail: edvanemauricio@gmail.com

Ana Dayse Viana Ramos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6345-8543>

Unidade de Pronto Atendimento Dr. Mario Monteiro, Brasil

E-mail: hana.dayse@gmail.com

Laena Costa dos Reis

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5042-1370>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: laenaccosta@gmail.com

Enimar de Paula

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8811-5640>

Universidade Iguacu, Brasil

E-mail: enimar.obst@hotmail.com

Maria Bertilla Lutterbach Riker Branco

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6307-4830>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: bertillariker@yahoo.com.br

Márcia Vieira dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1488-7314>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: enfa.marcia52@gmail.com

Ludimila Brum Campos Sampaio

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1235-0377>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: ludimilabrumc@gmail.com

Juliana Vidal Vieira Guerra

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4509-1343>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: julianavvguerra@yahoo.com.br

Giovanna Rosario Soanno Marchiori

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0498-5172>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: giovannamarchiori@id.uff.br

Resumo

Objetivo: discutir, a partir de uma reflexão, acerca das práticas de risco das mulheres profissionais do sexo, e de suas condições de saúde. Metodologia: estudo descritivo, qualitativo e reflexivo, embasado partir da leitura crítica de materiais científicos sobre os impacto das práticas de risco na saúde das mulheres profissionais do sexo. Resultados: as práticas de risco para as mulheres profissionais do sexo afetam diretamente sua saúde física, psicológica, emocional, e se faz necessário estratégias para garantir o seu pleno exercício de trabalho sem qualquer circunstância que inibialize. Conclusão: faz-se necessário que as atividades educativas, como por exemplo, palestras, oficinas, rodas de conversa sejam intensificadas com o intuito da garantia de uma saúde satisfatória, e inibindo as práticas de riscos da saúde das mulheres profissionais do sexo.

Palavras-chave: Profissionais do sexo; Trabalho sexual; Saúde da mulher; Fatores de risco.

Abstract

Objective: to discuss, based on a reflection, about the risk practices of women sex workers, and their health conditions. Methodology: descriptive, qualitative and reflective study, based on the critical reading of scientific materials about the impact of risky practices on the health of women sex workers. Results: risky practices for women sex workers directly affect their physical, psychological, emotional health, and strategies are needed to ensure their full exercise of work without any circumstances that make it impossible. Conclusion: it is necessary that educational activities, such as lectures, workshops, conversation circles be intensified in order to guarantee satisfactory health, and inhibiting the health risk practices of women sex workers.

Keywords: Sex workers; Sex work; Women's health; Risk factors.

Resumen

Objetivo: discutir, a partir de una reflexión, sobre las prácticas de riesgo de las trabajadoras sexuales y sus condiciones de salud. Metodología: estudio descriptivo, cualitativo y reflexivo, basado en la lectura crítica de materiales científicos sobre el impacto de las prácticas de riesgo en la salud de las trabajadoras sexuales. Resultados: las prácticas de riesgo para las trabajadoras sexuales afectan directamente su salud física, psicológica, emocional y se necesitan estrategias para asegurar el pleno ejercicio del trabajo sin circunstancias que lo hagan imposible. Conclusión: es necesario que las actividades educativas, como conferencias, talleres, círculos de conversación, se intensifiquen para garantizar una salud satisfactoria e inhibir las prácticas de riesgo para la salud de las trabajadoras sexuales.

Palabras clave: Trabajadores sexuales; Trabajo sexual; Salud de la mujer; Factores de riesgo.

1. Introdução

A expressão Profissional do Sexo caracteriza uma pessoa que de forma impessoal faz sexo, em troca de um valor em dinheiro ou qualquer outro bem (Salmeron & Pessoa, 2012). Nesse sentido, reporta-se que a palavra prostituição, deriva do latim *prosto* e significa estar às vistas ou estar exposto ao olhar público, sendo uma prática sexual remunerada habitual e promíscua. Assim, a percepção sociocultural sobre profissionais do sexo produziu um paradigma de preconceito, discriminação lançando essas mulheres a margem da sociedade (Soares et al., 2015). Desse modo, a legalização da profissão seria a forma de diminuir a estigmatização desse grupo (Feijó & Pereira, 2014). Em uma sociedade patriarcal há a

concepção de mulher sagrada - a da família; e a mulher profana - aquela que vive sua sexualidade de maneira não convencional, incluindo as profissionais do sexo (Bortoli, Costa & Silva, 2016).

Nesse sentido, apesar de a prostituição existir desde os primórdios da humanidade e ser considerada por muitos (segundo o senso comum) uma das mais antigas profissões, sempre esteve atrelada a "desonestidade", falta de autonomia e depravação (Salmeron & Pessoa, 2012). Durante a Idade Média, aumentou-se o desprezo pelas mulheres prostitutas, pois houve uma associação entre a prática de prostituir-se e serem agentes de "demônios", o que repercuti até os dias de hoje (Aquino, Ximenes & Pinheiro, 2010). Também é válido ressaltar que na época da escravidão, as mulheres, além de serem escravizadas, eram exploradas e muitas vezes estupradas (Figueiredo & Peixoto, 2010). Dessa forma, é possível perceber as disparidades entre gêneros existentes ao longo dos anos e que à prostituição ainda impera o preconceito.

Existem inúmeros fatores que permeiam o universo da prostituição, como por exemplo: as desigualdades de gênero, desigualdades socioeconômicas, étnico-raciais e geracionais (Figueiredo & Peixoto, 2010). Essas mulheres são expostas frequentemente a práticas de risco, vivenciam um cenário cercado por violência com agressões, abusos, humilhações e ofensas, incluindo-as no grupo de pessoas de comportamentos vulneráveis (Salmeron & Pessoa, 2012). Além disso, podem desenvolver transtornos psicológicos como ansiedade e depressão, que se potencializam com o uso abusivo e dependência de psicoativos, presentes no mundo da marginalidade (Figueiredo & Peixoto, 2010).

Assim, o estudo torna-se relevante ao considerar uma reflexão acerca dos cuidados com as mulheres profissionais do sexo, que apesar do número de 1% da população brasileira feminina entre 15 e 49 anos, necessitam de cuidados quanto a sua saúde de ordem física, psicológica, emocional, social (Correa et al., 2011; Villela & Monteiro, 2015).

Desse modo, o cenário vivenciado pelas mulheres profissionais do sexo permeia inúmeras práticas de risco como a violência inserida em seu cotidiano, as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), a gravidez indesejada, a utilização de drogas ilícitas, distúrbios psicológicos mediante principalmente a depressão, e outros (Couto et al., 2020). Desse modo, faz-se necessário que os profissionais de saúde tenham um cuidado centrado, direcionado as suas necessidades e focalizando a humanização, e ao direito das mulheres, sem a discriminação e o preconceito.

Acredita-se que o compartilhar de ideias desperte nos profissionais de saúde o interesse em atualizar-se e promover um cuidado mais humanizado com esse grupo da sociedade, que necessita de cuidados especializados quanto qualquer cidadão da sociedade.

Desse modo, o estudo objetivou discutir, a partir de uma reflexão, acerca das práticas de risco das mulheres profissionais do sexo, e de suas condições de saúde.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, na modalidade reflexiva (Pereira, et al., 2018), oriundo de estudos e debates pertinentes a saúde e fatores de riscos das mulheres profissionais do sexo.

A abstração e captação de elementos reflexivos, oriundos de estudos científicos, sinalizam um caminho oportuno para atualizar informações e observar como se configura os risco e elementos importantes para a saúde das mulheres profissionais do sexo. Desse modo, foi investigado as principais práticas de risco na saúde das mulheres profissionais do sexo. A partir disso, identificou-se a categoria: O impacto das práticas de risco na saúde das mulheres profissionais do sexo.

3. Resultados e Discussão

O impacto das práticas de risco na saúde das mulheres profissionais do sexo

Uma das práticas de risco para as mulheres profissionais do sexo são as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) pela não utilização de preservativos, o que culmina para suas condições de saúde. As Infecções Sexualmente Transmissíveis constituem um grave um problema de saúde pública e são mais prevalentes em grupos que apresentam comportamento de risco como, por exemplo, as mulheres profissionais do sexo (Mato et al., 2013). Sendo necessário, a oferta de insumos e serviços especializados para esse grupo de mulheres.

Nota-se que em relação ao uso de preservativos, a maioria das profissionais do sexo utiliza como forma preventiva, porém, muitas mulheres fazem uso da pílula do dia seguinte, como forma de evitar uma gravidez indesejada, assumindo um risco para a IST de uma relação desprotegida, com 14% das mulheres já apresentou alguma IST como: HPV, sífilis e gonorréia (Salmeron & Pessoa, 2012). Nesse sentido, em outro estudo constatou que 15,9%

afirmaram utilizar preservativos apenas com parceiros desconhecidos e 13,7% não o utilizavam, pois tinham parceiro fixo (Figueiredo & Peixoto, 2010).

Em relação ao conhecimento de sinais e sintomas das IST's, foi possível observar que muitas das mulheres profissionais do sexo desconhecem os sinais e sintomas, como dor abdominal, dor e ardência ao urinar (disúria), inchaço na virilha, úlcera na genitália e prurido, xantorréia (corrimento vaginal) evidenciando a necessidade de assistência em saúde (Moura et al., 2010; Mato, et al., 2013).

Considera-se que o preconceito existente na sociedade, muitas vezes interferem no atendimento integral a saúde dessas mulheres, fazendo com que a "vergonha" as impeçam de buscar o serviço de saúde para desfrutarem dos seus direitos como mulheres e cidadãs de direito (Aquino, Ximenes & Pinheiro, 2010).

Em relação ao mesmo aspecto, também pela não utilização do preservativo pelo parceiro ou pela mulher, a prática de risco para o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV).

Por volta da década de 80, tinha o pensamento de grupos de risco, e os principais grupos afetados pela epidemia eram os gays, os homens que fazem sexo com homens, pessoas submetidas a transfusões sanguíneas, usuários de drogas injetáveis e profissionais de sexo. Com passar dos anos esse cenário mudou e hoje a transmissão heterossexual aumentou radicalmente, refletindo uma razão de casos de HIV entre a população feminina e masculina de 1,5 - 2 homens/ 1 mulher, quando em 1986 esse número era de 15 - 20 homens/1 mulher (Figueiredo & Peixoto, 2010; Correa et al., 2011), e não mais de grupos de risco, contudo comportamento de risco.

Um estudo realizado que buscou investigar o conhecimento sobre as vias de transmissão revelou que a maioria das profissionais do sexo compreendem que indivíduos com aparência saudável podem estar infectados com o vírus HIV e que o compartilhamento de seringas e agulhas podem ser meios de transmissão do agravo. Porém, também notou-se informações errôneas sendo produzidas por elas, como que o uso do preservativo não é um método de prevenção do HIV, mostrando ainda que necessita de um trabalho informativo para esse grupo (Mato et al., 2013).

O Brasil e países periféricos apresentam maior número de profissionais do sexo infectados com HIV/Aids ao comparar com países centrais (Figueiredo & Peixoto, 2010). A principal estratégia para prevenção e controle das IST's/HIV são as atividades educativas que promovam mudanças de comportamento, compreensão do risco, e informações de fácil entendimento, sempre destacando o uso do preservativo (Aquino, Ximenes & Pinheiro, 2010).

O abuso de álcool e drogas são outras práticas de risco para as condições de saúde das mulheres profissionais do sexo.

O uso de álcool e drogas lícitas ou ilícitas fazem parte do cotidiano dessas mulheres e muitas delas os tornam componentes de trabalho, ou seja, não trabalham sem estar sob efeito das drogas (Moura et al., 2010). A atribuição do uso de álcool e drogas deve-se ao fato de causar alienação/ alucinação atenuando alguns desconfortos do ato sexual ou a variabilidade de parceiros em uma noite (Moura et al., 2010; Salmeron & Pessoa, 2012). É importante salientar que também existem mulheres que se prostituem para manter seu vício, em algum tipo de droga, nesse caso, a vulnerabilidade para contrair e transmitir IST's/HIV/Aids (Moura et al., 2010).

Em relação às drogas mais utilizadas destacam-se cigarro, álcool, maconha, cocaína (Moura et al., 2010; Salmeron & Pessoa, 2012). O crack também mostrou-se prevalente, principalmente em profissionais do sexo que trabalham em pontos de rua (Damacena, Szwarcwald & Souza Junior, 2014). Mostrando a necessidade de estratégias para o enfrentamento, com políticas públicas favoráveis, e medidas para o cuidado das mulheres, em prol da sua saúde.

Os transtornos mentais são constantes nesse público, pelas demandas de estresse e pressão em que elas são submetidas diariamente.

Um fator que influencia na saúde mental dessas mulheres é a sobrecarga de trabalho e a quantidade de horas dedicadas ao trabalho, que muitas vezes as privam de um momento de lazer, tempo com a família, dificuldade para manter parceiro fixo, em consequência disso, surgem as frustrações e conflitos emocionais e mentais. Além disso, existem questões relacionadas a auto imagem e a baixa autoestima (Salmeron & Pessoa, 2012).

Outro aspecto não menos importante, é a estigmatização das profissionais do sexo, a forma com que a população vê essas mulheres. As mulheres que se prostituem são vistas como "abomináveis" ou qualquer outra palavra pejorativa (Villela & Monteiro, 2015). É possível evidenciar repúdio por parte dos amigos, familiares e vizinhos, levando essas mulheres a se envergonharem da sua ocupação. Esse somatório pode refletir em sintomas de depressão (Penha et al., 2015).

A violência urbana está inserida em todos os centros urbanos, em especial com as mulheres profissionais do sexo, em que estão em constante risco por sua exposição do seu cenário de atuação.

Essas mulheres são vitimas constantes de violência física, psicológica ou sexual, tais agressões devem-se ao fato de ser um trabalho onde há muita exposição, além disso, a atuação

ocorre em ambientes inseguros. As principais violências físicas sofridas são: empurrões, espancamentos, queimaduras, uso de armas. Como violência psicológica tem-se: gritos, insultos, humilhações e na violência sexual ocorre a imposição de praticas sexuais sem uso de camisinha (Penha et al., 2015). Desse modo, muitas mulheres devem obter táticas para sua proteção e integralidade física, emocional e sexual.

Assim, as práticas de risco para as mulheres profissionais do sexo repercutem diretamente na sua saúde física, psicológica, emocional, e se faz necessário estratégias para garantir o seu pleno exercício de trabalho sem qualquer circunstância que inviabilize, e para isso torna-se necessário a garantia de serviços e insumos para a assistência a sua saúde, como de políticas públicas para o enfrentamento da utilização de drogas e da violência urbana.

4. Considerações Finais

A presente reflexão proporcionou reconhecer os elementos que envolvem a saúde das mulheres profissionais de sexo por meio de estudos envolvidos com a temática.

Apesar da temática ser uma problemática que permite levantar muitas opiniões de cunho moralista, religioso, ideológico e outros, é imprescindível, que o profissional de saúde compreenda sua atribuição nesse cenário e seja capaz de despir-se de suas opiniões pessoais, tornando a relação entre profissional-cliente mais acolhedora e respeitosa, tendo em vista que, muitas profissionais do sexo deixam de buscar atendimento em saúde por causa da vergonha e medo de serem tratadas com preconceito.

Nessa perspectiva, é valido ressaltar que a mulher que profissional do sexo, assim como, todo ser humano tem direito a saúde e merece um atendimento humanizado, digno e que considere toda sua integralidade, um ser biopsicosocialespiritual.

Além disso, faz-se necessário que as atividades educativas, como por exemplo, palestras, oficinas, rodas de conversa sejam intensificadas, utilizando uma linguagem compreensível de modo que o conhecimento transmitido seja absorvido, pois, apesar da informação ser dada de forma habitual, nem sempre é entendida de forma correta, gerando informações equivocadas que causam efeito contrário na saúde dessas mulheres. Com o intuito da garantia de uma saúde satisfatória, e inibindo as práticas de riscos da saúde das mulheres profissionais do sexo.

Além disso, torna-se necessário a ampliação de conhecimento na área estudada, pois a reflexão revelou uma escassez da produção sobre a saúde das mulheres profissionais de sexo.

Nesse sentido, estudos que façam a investigação sobre a saúde das mulheres profissionais do sexo, com o intuito de promover discussão com a temática com essa lacuna do conhecimento.

Referências

Aquino, P. S., Ximenes, L. B., Pinheiro, A. K. B. (2010). Políticas públicas de saúde voltadas à atenção à prostituta: breve resgate histórico. *Enfermagem em Foco*, 1(1), 18-22.

Bortoli, V., Costa, M. C., Silva, E. B. (2016). Violence against female sex workers: primary care workers' conceptions and actions. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, 10(7), 2245-52.

Correa, S., Pimenta, C., Maksud, I., Deminicis, E., Olivar, J. M. (2011). *Sexualidade e desenvolvimento: a política brasileira de resposta ao HIV/AIDS entre profissionais do sexo*. Recuperado de: <http://abi aids.org.br/categoria/publicacoes/sexualidade>

Couto, P. L. S., Porcino, C., Pereira, S. S. C., Neri, F. G., Azevedo, C. N., Vilela, A. B. A., Gomes, A. M. T., Flores, T. S. (2020). O dinheiro como sinônimo do prazer?": análise processual dos significados representacionais de trabalhadoras sexuais sobre satisfação sexual. *Research, Society and Development*, 9(8), e854986233.

Damacena, G. N., Szwarcwald, C. L., Souza Júnior, P. R. B. (2014). HIV risk practices by female sex workers according to workplace. *Revista de Saúde Pública*, 48(3), 428-437.

Feijó, M. E. V., Pereira, J. B. (2014). Prostituição e preconceito: uma análise do projeto de lei Gabriela Leite e a violação da dignidade da pessoa humana. *Ciências Humanas e Sociais*, 2(1), 39-57.

Figueiredo, R., Peixoto, M. (2010). Profissionais do sexo e vulnerabilidade. *Boletim do Instituto de Saúde*, 12(2), 196-201.

Moura, A. D. A., Oliveira, R. M. S., Lima, G. G., Farias, L. M., Feitoza, A. R. (2010). O comportamento de prostitutas em tempos de aids e outras doenças sexualmente transmissíveis: como estão se prevenindo? *Texto & Contexto Enfermagem*, 19(3), 545-53.

Matos, M. A., Caetano, K. A. A., França, D. D. S., Pinheiro, R. S., Moraes, L. C., Teles, S. A. (2013). Vulnerability to sexually transmitted infections in women who sell sex on the route of prostitution and sex tourism in central Brazil. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 21(4), 906-12.

Penha, J. C., Cavalcanti, S. D. C., Carvalho, S. B., Aquino, P. S., Galiza, D. D. F., Pinheiro, A. K. B. (2012). Caracterização da violência física sofrida por prostitutas do interior piauiense. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 65(6), 984-90.

Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J., Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. Santa Maria: Ed. UAB/NTE/UFSM.

Salmeron, N. A., Pessoa, T. A. M. (2012). Sex workers: socioepidemiologic profile and measurements of harm reduction. *Acta Paulista de Enfermagem*, 25(4), 549-54.

Soares, J. F. S., Santos, L. C., Cardoso, J. P., Neves, L., Batista, E. C. (2015). A prostituição como profissão: uma análise sob a ótica das profissionais do sexo. *Revista Saberes*, 3(2), 63-74.

Villela, W. V., Monteiro, S. (2015). Gênero, estigma e saúde: reflexões a partir da prostituição, do aborto e do HIV/aids entre mulheres. *Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24(3), 531-540.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Alana Priscilla da Silva Viana - 30%

Diego Pereira Rodrigues - 15%

Valdecyr Herdy Alves - 10%

Edvane Mauricio da Silva Rodrigues - 5%

Ana Dayse Viana Ramos - 5%

Laena Costa dos Reis - 5%

Enimar de Paula - 5%

Maria Bertilla Lutterbach Riker Branco - 5%

Márcia Vieira dos Santos - 5%

Ludimila Brum Campos Sampaio - 5%

Juliana Vidal Vieira Guerra - 5%

Giovanna Rosario Soanno Marchiori - 5%